Invasoes dos Normandos na Peninsula Iberica

# INVASÕES DOS NORMANDOS

NA

# PENINSULA IBÉRICA

1876

# INVASÕES DOS NORMANDOS

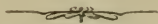
NA

# PENINSULA IBERICA

POR

MOOYER

---

*Prefacio e versão de Gabriel Pereira*

EVORA

Typ. de F. C. Bravo. — 23, Rua d'Aviz, 25

1876

# INVASÕES DOS NORMANDOS NA PENINSULA IBERICA

por

# MOOYER

Prefacio e versão de Gabriel Pereira, socio correspondente
da secção de archeologia do Instituto de
Coimbra, e da Real Associação dos Architectos e
Archeologos Portuguezes, de Lisboa.

# PREFACIO

Os romanos chamaram *Suiones* (1) aos povos de origem germanica que habitavam a Scandia. Tribus selvagens, oriundas da Asia, não foram ellas as primeiras habitadoras de aquella vasta peninsula; encontraram-n'a já povoada por outras hordas de raça diversa, cujos restos, os lapões, ainda subsistem. As regiões centraes e meridionaes da Scandia, as terras da Jutlandia, as ilhas do Baltico, foram occupadas por essas hordas; o norte da peninsula scandinava conservou-se sempre habitado pelos lapões; os finnicos e os slavos estanciavam pelas outras terras do Baltico. (2)

Nos seculos VII e VIII eram ainda estes povos desconhecidos aos da Europa central e occidental; mas as praias que emmolduram o mar de Allemanha eram já visitadas por elles, tinham chegado mesmo ao littoral irlandez e ahi fundaram o estado de Ulster.

---

(1) Maury. La terre et l'homme, pag. 476.
(2) P. J. Buchez. Les Carlovingiens.

Seria erroneo pois julgar que taes povos se conservaram estacionarios; a guerra, a pirataria era o estado normal de uma grande parte de aquellas populações. As suas leis protegendo exclusivamente os primogenitos, a sua barbara religião concorriam muito para essa vida tumultuosa.

Vivendo no paiz scandinavo onde as praias teem extraordinario desenvolvimento nos *fiords*, golphos e braços de mar, ou nas terras balticas manchadas de lagos, e singradas de rios que em muitos pontos se alargam desmesuradamente, formando vastissimas *toundras*, e estuarios, a natureza os levava á vida maritima; e a pirataria natural resultante era de tal vida combinada com os seus barbaros costumes. A religião de Odin era um complexo monstruoso de superstições e ferocidade; o paraizo que ella promettia era em tudo material e só concedido aos mortos nas refregas, com o ferro na mão.

Não podendo expandir-se para o amago da Europa onde encontraram os exercitos de Carlos Magno, e onde a sociedade adquirira já fronteiras fixas e firmes (3), recorreram á expansão maritima e as frotas normandas visitaram por vezes os litoraes e rios da Allemanha. Ainda de ahi o grande imperador os repelliu fortificando os pontos mais importantes, as fozes dos rios, e fazendo vigiar o litoral constantemente. Parece que repellidos na terra e no mar seguiram nas suas piratarias para as regiões mais septentrionaes. A morte de Carlos Magno foi por assim dizer o signal do grande movimento normando. As suas frotas surgiram por toda a parte espalhando o terror e a confusão.

Normandos (homens do norte) chamaram as nações christãs a estes salteadores do mar. *Wikings* se diziam elles e aos seus chefes davam o nome de *See-kongar* (reis do

---

(3) Guizot. Hist. da Civ. pag. 90.

mar). Algumas das suas frotas contavam mais de cem grandes navios (bargas) e muitos pequenos barcos (drakar), e traziam a bordo milhares de guerreiros. Nos primeiros tempos desembarcavam e talavam tudo a ferro e fogo. Roubavam moveis, gados, comestiveis; escravisavam os habitantes sem distincção de sexo nem de idade; incendiavam as povoações.

Em breve o numero dos terriveis piratas cresceu immensamente; recolheram nas suas armadas todos os aventureiros e fugitivos. Começava então o feudalismo, as guerras intestinas grassavam por toda a parte, guerras de nação contra nação, de castello contra castello, de burgo contra burgo. Por isto a impossibilidade mui frequente de accudir aos pontos invadidos pelos piratas, e por consequencia o successivo crescer do poderio de estes. Demais os seus ataques eram rapidos, imprevistos, violentissimos. Frequentemente apoz o desembarque tomavam logo os cavallos das visinhanças e seguiam em marchas arrebatadas para o interior das terras.

Maritimos ousados não levavam as suas frotas só ao longo das praias, aventuravam-se tambem ao mar alto. Pode dizer-se que nos seculos IX e X singraram elles por todos os mares da Europa, e até pelos mais septentrionaes. Em 861 Gamle descobre e estabelece-se nas ilhas Feroé, Ingolf chega á Islandia em 870, Eric o vermelho percorre os mares da Groenlandia em 982.

Nesta epoca estavam elles em civilisação adiante dos primitivos normandos; tinham já uma tendencia mui pronunciada para a occupação permanente dos territorios, para o estabelecimento de colonias; entre elles contavam-se já muitos christãos; celebravam pactos e tratados; contrahiam allianças. No primeiro quartel do seculo IX possuia Godefrid os condados da Frisa e da ilha Batavica. Foram estes normandos que apoz o subito ataque de Carlos, o gordo,

promoveram uma das mais formidaveis invasões. Em julho de 855 se reuniram as frotas em Rouen, que se entregou por capitulação, não soffrendo saque nem incendio; navegaram depois para Paris, onde chegaram em setembro do mesmo anno, e logo começaram o celebre cerco, epopêa de aquella idade. Os normandos eram 40:000, as frotas cobriam o Sena no espaço de duas leguas.

Estes normandos vinham da Inglaterra, da Escossia, da Frisa, da Jutlandia, de todos os paizes do Baltico. Hrolf, um dos seus chefes mais famosos, fundador do ducado de Normandia (Rollon, Raoul; adoptou a religião christã tomando o nome de Roberto) era finnico. Hasting, outro rei do mar de grande nomeada, era filho de um camponez de Troyes. (4)

No seculo XI, ainda auxiliados pelo estado tumultuoso da Europa levaram a cabo emprezas de maior vulto; então conseguiu Guilherme, o bastardo, a conquista de Inglaterra (1066), e pouco antes o celebre Roberto Guiscard, o sabio, fundou o reino das Duas Sicilias.

As invasões normandas embora mui repetidas e violentas pouca influencia tiveram nas sociedades nascentes de então. Concorreram talvez para que algumas se consolidassem em bases bem definidas.

Nos documentos dos seculos X e XI são os normandos mencionados por vezes, com designações diversas; normandos, normanes, lotho, lodo, leudo-manos. É facil de imaginar o susto, o sobresalto immenso que as repetidas e devastadoras entradas dos piratas causaram nos povos da penin-

---

(4) O sr. A. Herculano fallando dos normandos diz: — aquelles barbaros do Jutland. O sr. T. Braga chama-lhes: «aventureiros das costas da Jutlandia e da Noruega». Não se podem tomar á lettra taes expressões.

sula. Eram inimigos terriveis, inesperados: confiados na sua pericia de antigos navegadores tinham nas suas incursões a maxima ousadia. D'aqui as expressões—persecutio gentilium, multitudo paganorum, navalis gentilitas—dos documentos christãos. Os arabes chamavam-lhes tambem *madschus*, pagãos, infieis.

Entre os notaveis documentos de dona Mumma existe a doação do castello de S. Mamede por ella erguido para defeza do mosteiro de S. Salvador; é de 968. — Post non multo vero temporis quod hunc series testamenti in conspectu multorum est confirmatum persecutio gentilium irruit in hujus nostris religionis suburbium et ante illorum metum laboravimus castellum quod vocitant sanctum mames in locum predictum alpe latito quod est super hujus monasterio constructum. (Mon. hist. — Dipl. et Chartae. fasc. I. fol. 61).

Pelo mesmo tempo os habitantes dos arredores de Lugo se recolheram a esta cidade com seus gados e fructos para resistir—contra gentem lothomanorum... et paganorum aciem resistentes. (Doc. de Guimarães. Hesp. Sag. T. XL f. 403. Viterbo, Elucidario).

Na vida de S. Rudesindo se conta: — Hoc tempore, absente rege, Gallæcia a Normandis invadebatur, et Portugalia a Mauris devastabatur. Rudesindus exercitu congregato, confidens in misericordia divina magis quam in illo, repetens que versiculum Psalmi Hi in curribus, et hi in equis, nos autem in nomine Domini Dei nostri invocabimus, Normannis et Mauros obviavit; Normanos, favente Deo, ex Gallæcia expulit. Numa variante; «cum gallæcia jam fere tota invaderetur a normanorum multitudine... et galleciam tutam reddidit a gallorum superbia». (S. Rudesindi vita et miracula. Mon. hist. Scriptores. fasc. I, pag. 35 e 36).

Na Chronica Gotorum só apparece mencionada uma

entrada dos normandos. — Era MLIV, VIII idus septembris veniunt lormanes ad castellum Vermudii, quod est in provincia Bracharensi. Comes tunc ibi erat Alvitus nuniz. —(Mon. hist. Sc. I. pag. 9).

Os normandos nos seus saltos em terra faziam prisioneiros; é curioso um documento de Pedroso de 1026, citado por Viterbo; n'elle se menciona o resgate que Octicio pagou pelo livramento de Moitilli e de sua filha Guncina: —et sakastes nobis de barcas de laudomanes et dedistis pro nobis uno manto lobeno et una spada et uno kemiso, et tres lenzos et una vaka et tres modios de sal finto. (Viterbo, Elucidario. Th. Braga. Os Foraes, pag. 74).

Em 1032 apparecem os normandos no norte da peninsula com fins diversos. Vieram ajudar o conde Rodrigo Romariz a subjugar os vascões da Galliza, que se haviam rebellado, fortificando-se na *penna* ou *alpe* de Lapio, d'onde sahiam a fazer grandes damnos e malfeitorias, *in ecclesias, et in meskinos*, de *praedas, des rumptiones, rausos, homicidios et furtos et eorum erat illa terra herma et desolata*.

O conde Rodrigo reuniu os seus barões *et cum gens leodomanorum et cremavit et solvit ea:* refere o documento no seu barbaro latim. Hesp. Sagrada. T. XL).

Entre nós pouco se tem escripto sobre os normandos.

No Panorama, vol. 3.º da segunda serie, pag. 213 ha um pequeno mas substancioso artigo sobre este assumpto.

O sr. A. Herculano resume admiravelmente os factos que os historiadores narram a respeito das duas principaes incursões dos piratas scandinavos nas praias da peninsula (Historia de Portugal, T. I. Introducção, pag. 79 e 81).

O sr. Th. Braga, cujas obras tanto teem feito progredir os estudos historicos e litterarios entre nós, escreveu

sobre os normandos nos seus livros=Os Foraes, pag. 74: e —Epopeas da raça mosarabe, pag 101, procurando determinar a influencia destes povos septentrionaes nos costumes, na tradição e na linguagem da nacionalidade portugueza.

# INVASÕES DOS NORMANDOS

NA

# PENINSULA IBERICA

POR

## MOOYER. (a)

---

Os dois reinos de Portugal e Hespanha foram a principio, por mui longiquos, pouco visitados pelos scandinavos. Motivos commerciaes não os convidaram ali nas primeiras epocas, e quando appareceram naquellas regiões limitaram-se a saquear os littoraes, em correrias pouco demoradas; mais tarde demandaram aquellas terras mais frequentemente nas suas viagens para Constantinopla e mesmo nas peregrinações ao afamado templo de São Thiago de Compostella na Galliza. (1)

O caminho seguido pelos scandinavos para circumnavegar a peninsula consta de um antigo itenerario em varias partes reproduzido (2). Neste estudo tratamos porem tão sómente das invasões e saques em Portugal e Hespanha, não mencionando outras expedições que, principalmente nas memorias de Werlauff, se encontram mencionadas e estudadas com mais largas informações.

---

(a Die Einfallen der Normannen in die pyrenaische Halbinsel. Munster, 1844.

A primeira invasão teve logar na primeira metade do seculo nono (3). Differentes escriptores designam o anno 827 como o do primeiro apparecimento dos piratas normandos em terras da peninsula; comtudo affirma-se que foi Ramiro I rei das Asturias (4) e de Leão (5) (que reinava desde 842 e morreu em um de fevereiro de 850), que os repelliu; assim deve augmentar-se de alguns annos a data de tal invasão. Segundo as historias uma grande armada de normandos subiu o Loire e o Garona e na volta, em consequencia de rijos temporaes, viera ao littoral da Galliza (6); desembarcaram em 843, perto de Goion (7) (Gijon, nas Asturias;—ad littus Gegionis adveniunt), avançaram até Ferrol, talando os territorios (8). Ramiro, sabendo da ousada correria, reuniu um exercito, saiu-lhes ao encontro, e derrotou-os, fazendo muitos prisioneiros e conseguindo queimar setenta navios (9). Segundo outras versões os normandos soffreram tanto na terrivel resistencia de Corunha, principalmente dos frecheiros (balistariorum occursu), e n'uma tempestade que os colheu neste ponto, que elles apenas conservaram trinta navios (10).

Estes porem em breve se fortaleceram reunindo-se com outros navios de piratas; navegaram depois ao longo das praias até Lisboa (11), onde appareceram fortes de cincoenta e quatro vellas.

Ali desembarcaram e durante treze dias atacaram a cidade e devastaram todos os arredores. Quando os mouros porem se approximaram para fazer levantar o assedio, não ousaram elles esperar um attaque, e retiraram-se com despojos e prisioneiros para os seus navios; visitaram depois d'isto as praias do Algarve (12), surprehenderam nesta occasião Niebla (13) e Cadix, e devastaram os territorios até Sidonia (14).

Que os normandos se mostraram então pela primeira vez em Hespanha, contam muitos chronistas. Assim o nar-

ra Lucas de Tuy (15):—Gens haec crudelissima et in partibus nostris antea non visa. — No chronicon do bispo de Salamanca Sebastião—Nordmanni primi in Asturias ve erunt. Igualmente no chronicon do mosteiro de Albelda ou de S. Emiliano e no de Oviedo (16) assim como no do monge de Silos:—Classis Normannorum nostra appulit littora Gens crudelissima nostris in finibus antea non cognita. Adversus quam, structo milite, Dominus Ramirus, jam factus rex, consurgens juxta Farum Bregantinum, maximam ejusdem partem prostravit; traditis igni navibus numero LXX onustus praeda ad propria incolumis reducitur.

Foi no decurso do anno de 844 que a perspectiva do grande espolio que as ricas possessões dos mouros faziam esperar os attrahiu pela primeira vez para o sul de Hespanha.

As narrativas christãs e arabicas acerca d'esta empreza divergem entre si em differentes circumstancias; trazel-as a um accordo entre si será sempre problema de difficil resolução; por este motivo contaremos o successo seguindo as varias fontes, donde a realidade se poderá deduzir com segurança.

Primeiramente faremos notar que os escriptores arabes designam os normandos com o nome Madschus (propriamente Magos) o que equivale a pagãos ou infieis.

Naquelle tempo já os scandinavos conheciam o estreito de Gibraltar, que nas sagas apparece com o nome de Njorvesund.

Rodrigo de Toledo (Rodericus Toletanus) na sua Historia Arabum, onde se encontram boas noticias tiradas em parte das fontes arabes, diz-nos o seguinte: «No anno dos arabes (Hidschret, fuga de Muhammed para Medina, em 15 de julho de 622) 229, que é o 844 de E. Christã, no vigessimo terceiro anno do governo de Abd-or-rahman II ibn elhakem el Musaffer, — o victorioso —, que iniciou o

seu governo em Cordova em 822 e morreu em septembro de 852, lhe foi noticiado terem chegado a Lisboa — in Ulixbone littore—cincoenta e quatro navios (naves) e outras tantas embarcações menores — galeas — ao que elle respondeu que as suas guardas deviam tentar impedir isto quanto estivesse ao seu alcance (ut prout possent suae custodiæ providerent).

No anno seguinte chegaram mais navios com maiores tripulações ao littoral de Hispalis (17), assolaram-n'o durante treze dias, e tiveram um encontro com os mouros, muitos dos quaes ficaram mortos, e retiraram levando comsigo despojos e prisioneiros. Foram depois com a sua frota para Gelzirat (18) Cadiz e Assidona (Sidonia), e apoz alguns combates feridos com os mouros, cujas terras devastaram a ferro e fogo (caede et incendio) trouxeram comsigo muita gente, voltaram de novo a Hispalis e logo a Gelzirat Captel, que sitiaram e queimaram, fazendo ahi grandes prezas.

Em seguida demandaram as vinhas e arredores (termini) de Hispalis, assolaram tudo, mataram muitos dos habitadores, saqueando quanto lhes foi possivel. No mesmo dia em que chegaram a Hispalis se encontraram com os mouros que a principio tentaram a defeza, perecendo muitos na peleja, tendo os restantes, postos em franca debandada, de se abrigarem no ambito das muralhas para salvarem as vidas. Os normandos continuaram batendo a cidade de dia e noite retirando no dia seguinte para o ancoradouro, com avultados despojos.

Logo que Abderrahman soube isto reuniu um grande exercito, que havia destinado para soccorrer Hispalis e travou com os normandos uma batalha, ficando indecisa a victoria.

Então os normandos occuparam o logar Tablata (19), juncto de Hispalis, donde os mouros os forçaram a sahir

por meio de machinas de arremesso, perdendo cada um dos exercitos cerca de quatrocentos homens. Poucos dias depois retiraram os piratas para Lisboa por lhes constar ter Abder-rahman enviado quinze navios e um outro exercito para os aniquilar. De Lisboa, onde encontraram outros navios seus sahiram em breve demandando a patria.

Segundo os escriptores arabes e as noticias d'elles tiradas o encadeamento dos successos foi da seguinte maneira.

Cardonne conta na sua Historia de Africa: « Os normandos cercaram Sevilha (Sevilien) no anno seguinte (C. 845. H. 231). Os habitantes d'esta cidade abandonaram-n'a e fugiram para Carmona (20) e suas circumvisinhanças. Até aqui os arabes que haviam perdido coragem, nada tinham ousado fazer para impedir as devastações dos normandos, mas logo que receberam reforços resolveram-se a attacar os barbaros e embuscaram-se para isto nas ruas de Sevilha. Quando os normandos segundo seu costume desembarcaram ao romper do dia, para saquearem as aldeas visinhas, sahiram os arabes subitamente da cidade, e apoz curta lucta levaram em desbarato os piratas, porque estes não receando inimigos nas proximidades, haviam entrado na terra sem ordem nem união. Depois de esta victoria voltaram os mouros a Sevilha.

Outro corpo de normandos que estava para os lados de Cordova (21) e Alicante (22) reuniu-se com estas tropas dispersas, logo que teve noticia de tal derrota. Abder-rahman procurou em vão impedir-lhe o embarque, e os normandos deixaram a Hespanha ricos de despojos e com muitos escravos de ambos os sexos. Comtudo os arabes ainda os atacaram ao embarque e lhes queimaram quatro navios, tirando assim uma pequena desforra do mal que em Hespanha tinham causado. Quando estes barbaros ouviram que o kalifa hespanhol equipava uma armada para os perseguir

abandonaram as praias da peninsula e voltaram para a Neustria.»

Em substancia o mesmo refere Don Joseph Antonio Conde: «No anno 229 (843 da E. C.) abicaram á costa de Lisboa cincoenta e quatro navios dos Madschus, povos selvagens que habitam nas ultimas regiões do norte, saquearam povoações, mataram os habitantes com barbara crueldade pois não pouparam as mulheres, os velhos, as creanças, e até os animaes domesticos.

Não tendo opportunidade para fazer grandes presas queimaram e destruiram as habitações, devastaram os campos e mostraram-se inimigos de toda a humanidade. Em frente da cidade talaram os campos e queimaram as povoações durante treze dias. O chefe dos Moslems (mussulmanos) chamou ás armas a gente dos arredores, e em consequencia d'isto os Madschus se embarcaram com a sua presa e desappareceram. Logo depois visitaram as costas do Algarve, Andalusia e Mauritania (23), desembarcaram em Welba (24) e Cadiz, avançando até Sidonia. No anno 230, aos oito dias do mez muharrem (25 de septembro de 844) chegaram os seus navios até Sevilha, saquearam e incendiaram os povoados, reduziram a cinzas Gezira-Captal, e pelejaram rijamente durante tres dias com os habitantes d'aquella região; roubaram finalmente por todos os arredores de Sevilha, fortificando-se em Tablata.

Ahi as tropas Moslems os combateram e de tal modo que aos doze do mesmo mez (29 de septembro) os normandos recuaram, talvez tambem por lhes constar estar já a caminho a armada de quinze navios que Abderrahman fizera preparar. Os Madschus navegaram para a costa do Algarve e o rei ordenou aos governos de Merida (25), Santarem (26) e Coimbra (27) que vigiassem o litoral. Quando o rei com a sua cavalaria sahiu para defender as cidades da Andalusia e observar as devastações feitas pelos es-

trangeiros mandou restaurar as muralhas e outras construcções de Sevilha que estavam damnificadas; os habitantes de Sevilha por temor dos Madschus abandonaram porem a cidade e fugiram para Carmona. Por esta occasião o rei nomeou a Muhammed ben Seyad el Lahmi, nativo d'este ultimo logar, homem sabio e gosando fama sem mancha, kadi (Juiz) da parte mourisca de Cordova. O rei mandou construir navios em Cadix, Cartagena (28) e Tarragona (29) para defeza dos litoraes, e entregou ao cuidado de seu filho Jakub, appelidado Abu-Kosa as noticias e communicações de mar e terra; na mesma occasião ordenou elle que em todos os governos (30) de Hespanha houvesse um Ssahib-el-berid (31) ou correio principal a cavallo com um determinado numero de Forenikos ou correios montados para com maior brevidade trazerem ao governo central as noticias e transmittirem as ordens.»

Ainda podemos citar o que nos refere De Guignes na sua Historia geral dos Hunos, Tartaros, etc.

—«No anno 845 appareceram os Madschus no littoral da Andalusia. Tinham chegado no anno antecedente aos mares da peninsula e haviam estado durante treze dias em frente de Lisboa. Foram depois para Cadix e Sidonia e em seguida para Sevilha, em cujos arredores foram batidos aos doze do mez muharrem e em consequencia da derrota tornaram a embarcar, tendo os mouros conseguido queimar-lhes quatro navios. Appareciam repetidas vezes em Lisboa e Coimbra; subiam o Guadiana (32) e o Tejo; mesmo nas cidades andalusas do littoral mediterraneano receavam os seus imprevistos desembarques.

Abd-er-rahman fez excellentes preparativos para a segurança das terras; não só mandou construir navios em Cadix, Cartagena e Tarragona, e reuniu tropas em todos os logares importantes de desembarque, mas até collocou vigias nas costas maritimas e corpos a cavallo n s estradas

principaes para com maior rapidez annunciar ao governo a approximação do inimigo e transmittir em todas as direcções, com a maior brevidade as ordens e disposições.

Por esta guarda cuidadosa do littoral e forte resistencia aos desembarques conseguiu Abd-er-rahman expellir inteiramente da Hespanha os normandos no anno seguinte (845)».

Outra passagem muito importante que menciona a conquista de Sevilha pelos Normandos em 844, foi descoberta pelo afamado orientalista e numismata de S. Petersburg, o sr. Ch. Fahn, no manuscripto de um antigo geographo e historiador arabe, mas provavelmente originario do Egypto, —do seculo IX, chamado Ahmed-ben-abi-Jakub-ben Wassih-el-Katib, vulgarmente denominado Ahmed-el-Katib (i. e. o escriptor).

O manuscripto tem a data 1262 e o titulo de Kitab-el-buldan, o livro das terras, e contem, em duas paginas que tratam da Hespanha, entre outras noticias a seguinte: «No occidente da cidade chamada El-dschesira (Algesiras) está uma cidade a que chamam Ischbilia, nas margens do grande rio de Cordova. Nella penetraram em 229 da hegira os inficis (el-madschus), a que chamam russos (ellesi-ne jukal lehum ar-Rus), e roubaram e incendiaram tudo».

Dos feitos dos normandos contra a Hespanha no decorrer do seculo IX falla tambem o historiador arabe Mesudi (Abul-Hassan-Ali-ben-al-Kair-ben-Ali-ben-Messud-el-Hadeli, que morreu em 957) na obra que tem por titulo= Merudsch el dheheb we maaden el dschuhar, — os prados dourados e as minas de pedras preciosas—, onde diz: «Ainda no anno 300, (910 depois de Christo) abicaram navios na peninsula cheios de milhares de homens, que devastaram as terras littoraes. Os habitantes de Hespanha têm-n'os por um povo de magos».

Menos minuciosas são as chronicas christãs.

Uma destas resume todos estes feitos dos normandos dizendo; «Os normandos subiram o Garonne até Toulouse e por aquelles territorios saquearam impunemente. Quando em seguida voltaram, demandaram a Galliza sendo repellidos em parte pela resistencia dos habitantes (balistariorum occursu), e em parte contrariados por vendavaes. Alguns visitaram então diversas partes da Hespanha occidental, e retiraram depois de derrotados em combate pelos mouros (sarraceni).

Um fragmento de uma Historia da Armorica conta: —«Quando os normandos quizeram voltar á sua patria foram arrastados por um temporal até Galliza. Os habitantes oppozeram-se-lhes em grande força, bateram-os, escapando apenas as tripulações de trinta navios. Estes, assim postos em fuga, vellejaram para Bordeaux. Depois de terem devastado este lugar navegaram para Saintes (33), donde voltaram á patria com grande presa.

Deve ainda accrescentar-se que o governador ou senhor de Bordeaux e Saintes, chamado Siguin Mostellanicus, Duque de Gascogne, foi preso e morto pelos normandos (846), e Saintes foi incendiado. Tambem se diz que tendo Bordeaux no anno 848 cahido nas mãos dos normandos em consequencia da traição dos judeus, Guilherme Duque de Gasconha, successor de Siguin, foi tambem feito prisioneiro.»

No mesmo fragmento se encontra outra noticia com referencia ao anno 846: «Por este tempo uma armada consideravel de normandos sahiu de França, visitou com ataques subitos as povoações maritimas de Hespanha, saqueou o litoral de Galliza, indo depois fundear em Ferrol (ad Brigantinum portum): mas Ramiro venceu-os em combate e obrigou-os a fazerem-se ao mar; nesta occasião perderam setenta navios, sendo parte tomados em batalha naval, outros mettidos a pique. O resto que escapou a esta derrota singrou para as alturas do promontorio Nerico, de ahi para a

foz do Tejo, e assolou Lisboa, então em poder dos mouros».

Encontramos ainda outra noticia do anno 847.—«Logo que os normandos augmentaram a sua frota e tripulações sitiaram Sevilha (Hispalis), devastaram as campinas de Cadix (Gaditanos agros), as fronteiras de Sidonia (Assidoniæ fines) e levaram em presa homens e gados. Os mouros, em grande numero, foram batidos em tres combates a seguir. Finalmente, depois de prolongada demora naquelle logar, sabendo que Abd-er-rahman apparelhava uma nova armada deixaram a Hespanha, cheios de gloria e carregados de despojos. Abd-er-rahman concebeu ainda a suspeita de que Ramiro, rei das Asturias, tivesse occasionado este ataque dos normandos, e por esta razão resolveu fazer-lhe guerra (Ferreras, II, 657)».

Não é impossivel que o monarcha asturiano se haja servido deste meio para se desembaraçar de tão incommodos hospedes, como já o rei dos francos havia procurado, por meio de dinheiro e persuasões, dirigil-os contra os sarracenos seus inimigos.

Apoz estas violentas luctas que por muitos annos, se deram em differentes pontos da peninsula parece ter havido um largo periodo de paz; pelo menos as chronicas hespanholas apenas mencionam o terem apparecido no anno 850, perto de Balobriga, nas Asturias, navios normandos, que o bispo de Mondonedo, S. Gundisalbus (episcopus mindenensi vel balobrigensis) conseguiu affastar com suas orações.

Todavia não permaneceram por muito tempo em paz pois em 848 quando os normandos saqueavam e infestavam de correrias toda a França, estava a Catalunha em alarme e defeza (Ferreras, II, 658).

Dez annos mais tarde, pouco mais ou menos, reinando Ordonho I nas Asturias e Leão (850: morreu em 26 de maio de 866) e Abu-Abd-allah-Muhamed—filho de Abd-er-

rahman em Cordova (morreu em 6 d'agosto de 886) appareceram os normandos com cem navios nas costas da Galliza. D. Pedro, governador da provincia, acudiu porem com um exercito, conseguiu derrotal-os, queimar-lhes alguns navios, e obrigou-os a embarcar.

Foi por este tempo (859) que numerosas hordas de normandos, commandadas principalmente pelo selvagem Hasting (Eystein?) e seu filho adoptivo Bjorn Jernside, devastaram a França, percorreram a Italia e levaram o exterminio por todo o litoral do Mediterraneo (34).

Logo que entraram no Mediterraneo tomaram as frotas diversas direcções. Uma subiu o Rhodano, saqueando pelas margens, e fortificou-se na ilha Camargues (in insula que Camaria dicitur) e d'ahi emprehendeu varias incursões, roubando os mosteiros e cidades do Roussillon (35); Nimes (36), Arles (37), Elna, etc, e a cidade de Ampurias (38) na Catalunha, foram victimas da fereza dos piratas do norte.

Outra armada de sessenta navios vellejou para o sul e occidente da peninsula, atacando Algeziras, Alhadrã (talvez Alhandra, nas margens do Tejo) e Mesquitella na Beira, esquivando-se porem á prêssa os piratas quando se approximou a cavallaria sarracena.

Esta armada aproou então á Mauritania, onde atacou o logar Nocchor, matando e captivando muita gente, depois dirigiu-se ás Baleares (39), saqueando-as todas. Finalmente vellejaram para a Sicilia e segundo parece á Grecia tambem; no começo do inverno voltaram á Hespanha continuando nas suas devastações, invernaram aqui, e fizeram vella para o mar alto em 860.

Cardonne (Histoire I. 285) refere este successo a 858—60:—«Quando este principe (Muhamed I) desejava estabelecer a paz nos seus estados chegou a Hespanha uma frota normanda de sessenta navios, espalhando por todo o

reino o susto e a devastação. Estes barbaros navegaram em seguida para as ilhas Baleares, que tambem devastaram e saquearam. D'ali vellejaram para as costas africanas queimando cidades e aldeias, roubando os objectos de valor; voltaram finalmente para a Normandia carregados de immensas riquezas.»

Conde (Historia I, 292) é mais minucioso a este respeito.

—«Emquanto Muhamed tratava de organisar os seus dominios e em livral-os da desordem dominante, vieram os terriveis Madschus com sessenta navios ao litoral andaluz, desembarcaram e avançaram até Raya, Cartama, Malaga (40), Raduya, e por todo o sul de Ronda (41), espalhando por estas regiões os horrores das invasões inimigas. Não ousaram internar-se muito, mas talaram os logares proximos do mar destruindo muitos edificios e torres de vigia (42) que havia pela beira-mar; tambem saquearam a mesquita de Alsadra e outra que tirava o nome das bandeiras que sempre tinha arvoradas. O rei Muhamed mandou contra elles a sua cavallaria, que elles não ousaram esperar, fazendo se logo de véla para as praias africanas. Ali desembarcaram: vieram ainda de novo ás praias hespanholas onde passaram o inverno, fazendo-se em seguida ao Atlantico, cheios de riquezas. Succedeu isto no anno 246 (860 de Christo).

Aschbach (I. 289) narra este acontecimento do seguinte modo—« Pouco depois chegaram sessenta navios ás praias andaluzas. Os normandos tomaram Algesiras e encheram de horror a beira-mar até Malaga e Alhadra com as suas terriveis e subitas devastações; destruiram grande numero de edificios, pharoes e mesquitas, e quando a cavallaria mahometana enviada para se reunir á infanteria, chegou, já elles se haviam embarcado e demandavam as praias fronteiras da Africa, e logo as ilhas Balcares, commettendo

eguaes devastações. Avançaram até á Sicilia, continuando com exito nas suas piratarias, e no começo do inverno de novo appareceram em Hespanha. Fartos emfim de presas e devastação fizeram-se de véla para o Atlantico em 860.

No anno seguinte estes sessenta navios subiam o Sena e reuniram-se a outra frota, então occupada em sitiar uma povoação franceza; em 862 reuniram-se de novo as frotas e depois do accordo feito com Carlos o calvo foram para a Bretanha. Por este modo cessaram as empresas que um só exercito ou frota normanda, com bastante probabilidade, proseguiu durante tres a quatro annos.

---

Durante o seculo seguinte nenhum testemunho apparece de alguma invasão normanda na peninsula; todavia é provavel que se repetissem pois Affonso III, o grande, de Asturias e Leão, que falleceu em 20 de dezembro de 910 fundou junto a Oviedo (43) o castello de Gauzo contra algum ataque inesperado, quer dos normandos quer dos mouros, pelo lado maritimo (navalis gentilitas,—piraticus exercitus); e fez transportar as reliquias dos santos de Toledo (44) e outras preciosidades para a proxima egreja de S. Salvador, por ser logar mais forte e defensavel (Langebek V, 108; Aschbach I, 344).

É possivel que muitos ataques isolados escapassem á attenção dos chronistas coevos; e pode tambem admittir-se que a conquista da Normandia, e a occasião de proveitosas entreprezas que se lhes offerecia sob o dominio dos fracos reis francezes de aquella epoca os tenha occupado tanto, que não cuidassem da longiqua Hespanha, onde demais encontravam por vezes vigorosa resistencia.

Em 961 as costas da Galliza foram novamente visitadas pelos navios normandos. Repetiram-se, já se vê, os sa-

ques, os incendios, as mortandades. Fizeram muitos prisioneiros. Sancho I, rei de Leão, consentiu em consequencia d'isto que Sisenando, bispo de Compostella muralhasse esta cidade e a egreja de S. Thiago. Durante a execução d'estes trabalhos o bispo practicou tantas tyrannias que muitos queixumes chegaram aos ouvidos d'el-rei; e quando este lhes fez severas reprehensões Sisenando levantou uma revolta.

O rei encontrou-o com um exercito, prendeu-o, depol-o (962); pelo que o seu successor Rosenando teve meios para com força e felicidade se oppor ao inimigo. O rei Harald Blaatand tinha em 963 enviado ao duque Ricardo I de Normandia (943 a 966) tropas auxiliares contra o rei de França, Clotario (954 a 986), e tendo-se os combatentes conciliado, o duque persuadiu alguns dos auxiliares a tomar o baptismo e a outros aconselhou a seguir viagem para Hespanha, dando-lhes guias de Coutances. Chegaram estes ao litoral da peninsula em principios de 964, demorando-se por algum tempo e tomando dezoito povoações. Por fim os habitantes reuniram-se, na maior parte gente campesina, e atacaram os normandos, em combate desesperado, soffrendo porem grande derrota. Tres dias depois os normandos percorrendo o campo e os valles com o fim de roubar os cadaveres encontraram muitos corpos negros (45).

Este bando de piratas foi provavelmente o mesmo que tambem em 966 desembarcou em Galliza, commettendo horriveis crueldades até que o já mencionado bispo Rosenando, de Compostella, reuniu um grande exercito, derrotou-os, obrigando-os a procurar a salvação nos seus navios.

A alguns annos mais tarde referem as chronicas o ultimo ataque por este lado. No reinado de Ramiro III, em 969, appareceu nas costas da Galliza uma armada de cem vellas, cujo chefe era o rei Gudroed (46); os piratas avançaram até Compostella para saquearem esta rica povoação,

onde os gallegos haviam accumulado todas as suas preciosidades. O deposto bispo Sisenando, que fugira da prisão e pela força se reintegrara no episcopado reuniu os seus homens de armas e foi ao encontro do inimigo, travando-se a lucta juncto de Tornellos. O bispo perdeu a vida no combate em consequencia de uma frechada (29 de março). Desbarataram-se os mesnadeiros e homens de armas e os normandos percorreram pelos logares de Galliza, fornecendo-lhes os povos tudo quanto desejavam para evitar saques e mortandades. Assim avançaram até ás montanhas Cebreras (47), approximando-se depois da costa, em parte para se não affastarem da armada, e tambem porque de todos os lados senhores e villãos se preparavam para um levante geral.

No entretanto o conde de Galliza Gonzales (Gonçalo Sanches) poz em marcha um importante exercito com que perseguiu e inquietou os normandos, que á pressa se retiraram sobre o litoral, carregados de presa, mas por isto mesmo em má disposição e desmoralisados. Encontrou-os e derrotou-os apoz tenacissima peleja; a maior parte, com o chefe Gudroed, pereceu, muitos ficaram captivos; a frota foi queimada (970).

Todas estas noticias das aventuras dos Wikings septentrionaes na peninsula devemos nós a escriptores arabes e hespanhoes.

Não encontramos fundamento para suppor que as expedições maritimas (Uesterwiking) tão frequentemente mencionadas nas velhas fontes do norte dirigidas na maior parte para os territorios que jazem ao occidente da Scandinavia, tenham alcançado costas maritimas alem das britannicas, francezas e allemãs.

O unico testemunho das antigas tradições do norte de uma expedição á Hespanha que pode com alguma probabilidade referir-se áquelle periodo de aventuras, pelo menos

no seu terminar, encontra-se na Knytlinga-Saga, onde se diz; « Ulf era o nome de um jarl da Dinamarca. Era guerreiro esforçado, e conduziu uma expedição para occidente; roubou e devastou a Gallizuland (48) e por isso lhe chamaram Gallizu-Ulf. Casou com Bothild filha do jarl Hagen Erichsohns». Este Ulf, a quem Saxo chama Ulvo gallicianus, dando Bothild como mulher de um avô de Erich Eiegols, deve segundo os dados chronologicos ter nascido perto do anno mil, e por isto se não pode com inteira certeza suppor que haja tomado parte em expedição alguma das mencionadas nas fontes arabico-hespanholas.

Mais recentemente encontra-se porem menção d'uma expedição de normandos em terra da peninsula, em 1017. Ramon Borrel, conde de Barcelona (49) morreu em 1017 e a sua viuva Ermesinda (de Carcassone) ficou tutora de seu joven filho Berenguer Ramon I (chamado Corcunda; 1008-1035).

O governador arabe de Saragossa (50), Almondar, julgou dever approveitar esta occasião de se apoderar sem grande risco do territorio de Barcelona. Ermesinda chamou em seu auxilio Ricardo II duque de Normandia ou mais provavelmente Rogerio, principe de Normandia, sob cujas ordens os normandos cruzavam então pelos mares hespanhoes e assim conseguiu salvar o seu condado da aggressão serracena. Em recompensa concedeu ella ao chefe normando a mão de sua filha (1018).

Ainda que este acontecimento não cabe, segundo parece, no periodo das invasões normandas em Hespanha, mas antes á epoca em que as frotas dos cruzados (Korstog) dinamarquezes começaram a demandar as regiões do levante, citamos-l'o todavia pois é possivel que a tal multidão normanda haja feito parte da que em 1017 devastou a Italia e Grecia. Cumpre notar tambem que nesta era já alguns sanctuarios da Italia inferior, como o de S. Miguel no mon-

te Gargano, eram visitados nas peregrinações dos povos septentrionaes.

Singular é porem que na Scandinavia onde com frequencia apparecem objectos de arte e principalmente moedas da idade media dos diversos paizes europeus se não encontrem alguns da peninsula pyrenaica da epoca das invasões normandas.

FIM

# NOTAS

1 No arabe Sent-Iakub (Conde, Descripção de Hespanha por Xerif Aledris, conhecido por el-Nubiense. Madrid. 1799). O corpo de S. Thiago foi descoberto em 835. Affonso III em 872 fez construir uma igreja de boa fabrica com suas columnas de marmore em vez da pequena e pobre igreja primitiva Dr. Schæfer, Historia de Hespanha . Esta igreja foi destruida pelos mouros em 994. Segundo outros em 871 foi a igreja consagrada (Aschbach, Hist. dos Ommiadas em Hesp .

2 Brocman. Sagan om Ingwar Widfurne — Stockholm 1762. — Langebeck. Rerum danicarum scriptores. Chronicon Alberti abbatis stadensis—Helmstadi 1587.

3 Pelo mesmo tempo entraram os normandos na Gasconha (arab. Gaschkunia); em 841 estiveram em Bayona (ant. Lapurdum, arab. Biuna) e d'ali fizeram sortidas pelo Bearn, Armagnac e Bigorre.

4 Ant. Astorica, Asturica augusta, arab. Asturka.

5 Arab. Lion. Recebeu o nome da legio VII gemina.

6 Arab. Belad-dschalikiet. Os habitantes da Galliza eram, segundo um escriptor arabe, os mais bravos e aguerridos dos christãos.

7 Povoação já mencionada pelos annos de 717 e 719.

8 España Sagrada, XIII, 486. Langebek, 1, 537.

9 Ferreras, II, 657. Langebek, e outros concordam no numero.

10 Ferreras, 651. Schaefer II, 250. Du Chesne, Historiae normannorum scriptores coætanei.

11 Arab. Aschbuna, Alisbona, Lesbona. Municipio romano Felicitas Augusta. Entre os godos, Olisipona.

12 Arab. Al-gharbi, o occidente.

13 Antig. Ilipla; arab. Libla.

14 Arab. Medina—Schiduna.

15 Lucas Tudensis, morreu em 1250. Chronicon Mundi, liv. IV. Hispania illustr. T. IV, pag. 77.

16 Chronicon Ovetense.

17 Sevilha: arab. Ischbilia, Medina—Ischbilia.

18 Gelzirat ou dschesiret significa *ilha* no arabe. Algeziras dizse no arabe—El dschesiret el Khadra (a ilha verde). Dschesira Kabtil ou Kabtal, hoje cabo de Palos e ilha Formigas no Guadalquivir.

19 Já não existe este povoado ou é talvez um logarejo denominado Tablata no caminho de Granada para Portugos que em 1765 tinha apenas cinco casas (Pluers, Viagem na Hespanha); é conhecida uma serra de Tablada.

20 Arab. Karmuna.

21 Cordova. Colonia Patricia, depois Corduba. Arab. Korteba.

22 Antiga Lucentum; arab. Alkant ou Lekant.

23 Africa do NO. arab. el-Magreb, paiz do poente.

24 Antiga Onoba ou Onuba; arab. Welba; hoje Huelva.

25 Emerita Augusta: arab. Maridah.

26 Arab. Schenterin, entre os romanos Scalabis, Præsidium Julium.

27 Arab. Kolamria; Medina-Kolimria.

28 Arab. Kastadschina. Carthago nova,—spartaria dos romanos.

29 Antiga Tarraco, Medina Tarkuna.

30 Aljame: no hesp. concejo, ayuntamento; aldjamia no arabe, do verbo djema, reunir, congregar.

31 Sahib *senhor* berid *correio*, veredarius publicus. Berid significa tambem uma medida equivalente a 25 kilometros.

32 Arab. Wadi-Ana. Tejo, arab. Tadscha.

33 Antiga Santones

34 Nahr-es-Schami, o mar da Syria.

35 Antiga colonia Ruscino.

36 Antiga Nemausus.

37 Antig. Arelas—Arelate.—Arelatum.

38 Ant. Emporiæ.

39 Dtchesiru Majorka, Dsch. Menorka; entre os romanos Mallorca. Pythiusa minor, Frumentaria.

40 Antig. Malaca, arab. Malka, Maleka.

41 Ant. Arunda; no reino de Granada, serra de Ronda, a pouca distancia da antig. Acinipo, hoje Ronda-la-vieja.

42 Atalayas do arab, talaya, vigia.

43 Antig. Ovetum.

44 Toletum, arab. Toleitola. Talitla.

45 Mooyer diz—corpos negros e azues (Blaamand)—. Em outros escriptos do norte, da idade media, a respeito das guerras contra mouros, se falla de cadaveres azues (Thorlacius. Antiquitatum borealium observationes miscellanea). Deve isto attribuir-se sem duvida a falsas interpretações, ou más traducções. Os homens do norte sentiam a principio natural e viva impressão luctando com

os arabes, entre cujas tropas havia grande numero de africanos: e talvez os chronistas medievaes vendo-se embaraçados para exprimir a tez trigueira e tisnada de uns e a preta de outros, se servissem de termos vagos, mal definidos. Refiro-me especialmente aos scandinavos. Ainda no dinamarquez hodierno azul se diz *blaa*, cujo som mais se parece com o *blak*, preto, em inglez, que com *blue*. Veio talvez d'aqui a confusão. Note-se que as linguas europeas viram-se embaraçadas quando tiveram de significar o *negro*, o homem preto, e tambem o mulato.

Azul é: *bleu*, fr. *blue*. ing. *blau*, all.

Preto é noir, fr. *black*, ing.—*schwars*, all. sort, din.

Agora o *negro* o *homem de côr preta*, é *negro*, ing. *negre*, fr. *neger*, all. e din. O mesmo acontece com o termo mulato *mulatre*, fr. *mulatto*, ing. *mulatte*, all, *mulat*, din.

46 Gudrod. Nos escriptores hesp. Gundiredus, Gundaredus, Gundericus. Talvez irmão do rei norueguez Harald I.

Gundaredo estanceou com os normandos na Galliza cerca de tres annos. Carvalho, no Chorographia port. quer que do chefe normando viesse o nome a uma povoação proxima de Villa Nova da Cerveira, chamada Gundarem, e a familia dos Gundarens ou Candarey, citada no Nobiliario do Conde D. Pedro. (Th. Braga—Os Foraes—pag. 74).

47 Designadas com muitas variações. Adalpes montis Zebraru-Qui mons dicitur Onagrorum. In monte Cuperio. In monte Ciperio. Monte Kabreir. Agora a serra de Cebrero.

48 Galizuland. Noutro escripto se chama Vestr-Galicialand.

49 Arab. Barschelana.

50 Antig. Caesar-Augusta: arab. Sarakosta.